

Nuno Gabriel Ribeiro Silva

28493

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Rui Manuel Flores Araújo,
no Instituto Universitário da Maia e pelo professor Pedro Gregório na escola
Secundária de Rocha Peixoto

Outubro, 2018

Silva, N. (2018). Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Curso do Segundo Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Apresentado no Instituto Universitário da Maia.

Palavras-Chave: Ensino; Educação Física; Prática de Ensino Supervisionada.

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha irmã. Por todo o sacrifício, por toda a dedicação, porque para eles todas as palavras do mundo serão curtas. Sem eles, nunca teria chegado até aqui.

Aos meus avós maternos. À minha avó, por ter sido sempre mais do que uma segunda mãe, porque nunca deixou que me faltasse nada. Ao meu avô, que sempre foi o meu guia, o grande pilar de tudo o que sou hoje. São a minha verdadeira inspiração, os meus ídolos.

Aos meus amigos. Por todos os momentos de animação, por serem uma verdadeira ajuda nos momentos de descontração. À Marta Marques, pela companhia, pela amizade, pelo apoio e pela motivação ao longo de todo o ano.

Aos meus colegas do ISMAI. Por me auxiliarem em tudo o que precisei, por serem os melhores colegas que poderia ter escolhido para me acompanharem neste percurso.

Ao núcleo de PES. Ao Gil, por ser o companheiro desta aventura ao longo dos cinco anos académicos, e à Kelly, pela agradável surpresa que mostrou ser ao longo do ano. A ambos por todos os momentos vividos e pelo companheirismo partilhado.

Ao professor Pedro Gregório, orientador cooperante, por todos os ensinamentos e por toda a exigência que demonstrou ao longo do ano. Pelo carinho e pela boa disposição partilhada em todas as aulas e no desporto escolar. Por ser o exemplo do que procurarei ser ao longo da minha carreira.

Ao professor Rui Campos. Por todas as experiências partilhadas ao longo do desporto escolar, por todo o conhecimento que me foi transmitindo. Pela sua dedicação e por todo o trabalho demonstrado.

Ao professor Rui Araújo. Por ter sido o elo de ligação entre mim e a universidade. Por todos os ensinamentos e conselhos transmitidos, por estar presente sempre que precisei.

À ESRP. Pela forma como me acolheu, por me ter dado a oportunidade de vivenciar este ano de PES. Pela forma como toda a comunidade escolar me recebeu e sempre me auxiliou no que foi preciso.

Aos meus alunos. Por todos os momentos que vivemos, por todas as aulas. Por terem sido alunos exemplares. Por ficarem para sempre na minha história. Por serem os meus primeiros alunos, nunca os esquecerei.

Índice Geral

Resumo.....	i
Abstract	ii
Resumen	ii
Abreviaturas	iv
Introdução.....	1
I Dimensões: Pessoal e Profissional.....	2
1 – Uma decisão a partir de um percurso	2
2 – Expetativas iniciais	4
II Prática em Contexto.....	6
1 – A importância da PES.....	6
2 – A escola cooperante: o lugar de prática.....	7
3 – Caracterização das turmas	8
III Prática Profissional: do plano da análise ao da intervenção.....	10
1 – Organização e gestão do ensino-aprendizagem.....	10
1.1 – Planeamento	10
1.2 – Realização	12
1.3 – Avaliação	16
1.4 – (Re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação	18
2 – Participação na escola e relação com a comunidade	20
2.1 – Atividades realizadas	20
2.2 – Socialização profissional e institucional.....	22
2.3 – Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação.....	23
3 – Desenvolvimento profissional	24
3.1 – Dificuldades e necessidades de formação.....	24
3.2 – Formação contínua: um imperativo da profissão.....	25
IV Reflexões Finais	26
4.1 – Experiência profissional e pessoal.....	26
4.2 – A componente ético-profissional.....	26
4.3 – Realidade do contexto escolar: impacto da PES	27
Referências	29

Resumo

O presente documento retrata o relatório de prática de ensino supervisionada, inserido no segundo ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia, realizado na Escola Secundária de Rocha Peixoto, ao longo do ano letivo 2017/2018.

A estruturação do documento está dividida em quatro diferentes capítulos. O primeiro capítulo é referente à dimensão, onde apresento as razões pelas quais cheguei até aqui e as expectativas que tinha relativamente ao ano letivo. A prática em contexto é o segundo capítulo, em que descrevo a importância da prática de ensino supervisionada, da escola cooperante e ainda a caracterização das turmas que lecionei. O terceiro capítulo apresenta a prática profissional e nele descrevo a gestão do ensino-aprendizagem, a participação na escola e o desenvolvimento profissional. Por fim, no quarto capítulo, estão presentes as reflexões finais, nas quais procurei realizar um balanço do que foi vivido ao longo deste ano de prática de ensino supervisionada.

Com este relatório, objetivei transmitir as experiências que vivi ao longo do ano letivo e que, juntamente com as reflexões finais apresentadas, formam um marco importante para a minha carreira profissional.

Palavras-Chave: Ensino; Educação Física; Prática de Ensino Supervisionada.

Abstract

This document presents a supervised teaching practice report, inserted in the second year of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Primary and Secondary Education, from Instituto Universitário da Maia, held at Rocha Peixoto Secondary School, throughout the academic year 2017/2018.

The structure of the document is divided into four different chapters. The first chapter is about dimension, where I describe the steps that brought me here and the expectations I had for the school year. Practice in context is the second chapter, in which I describe the importance of supervised teaching practice, the cooperating school and the characterization of the classes I taught. The third chapter presents the professional practice: I describe the management of teaching-learning, participation in school and professional development. And finally, in the fourth chapter, the final reflections are presented, aggregating what has been experienced throughout this year of supervised teaching practice.

With this report, I aim to transmit the experiences I lived throughout this academic year, which, together with the final reflections presented, form an important milestone for my professional career.

Keywords: Teaching; Physical Education; Supervised Teaching Practice.

Resumen

El presente documento retrata el informe de práctica de enseñanza supervisada, insertado en el segundo año del Máster de Enseñanza de la Educación Física en las Enseñanzas Básica y Secundaria, del Instituto Universitario de Maia, realizado en la Escuela Secundaria de Rocha Peixoto, a lo largo del año escolar 2017/2018.

La estructuración del documento se divide en cuatro capítulos diferentes. El primer capítulo es referente a la dimensión, donde presento las razones por las que llegué hasta aquí y las expectativas que tenía relativas al respectivo año lectivo. La práctica en contexto es el segundo capítulo: aquí describo la importancia de la práctica de enseñanza supervisada, de la escuela donde he enseñado y una caracterización de las clases que enseñe. El tercer capítulo presenta la práctica profesional, donde describo la gestión de la enseñanza del aprendizaje, la participación en la escuela y el desarrollo profesional. Y por último, en el cuarto capítulo, están

presentes las reflexiones finales, donde intenté realizar un balance de lo que he vivido a lo largo de este año de práctica de enseñanza supervisada.

Con este informe, he intentado transmitir las experiencias que he vivido a lo largo del año escolar y que, junto con las reflexiones finales presentadas, forman un hito importante para mi carrera profesional.

Palabras clave: Enseñanza; Educación Física; Práctica de Enseñanza Supervisada.

Abreviaturas

ESRP – Escola Secundária de Rocha Peixoto

MEEFEBES – Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

OC – Orientador Cooperante

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PFIE – Plano de Formação e Intervenção na Escola

RPES – Relatório de Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O presente documento retrata o relatório de prática de ensino supervisionada (RPES), inserido no segundo ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS) pelo Instituto Universitário da Maia (ISMAI), ao abrigo da legislação referente à habilitação profissional para a docência pelo Decreto-lei nº 79 de 14 de maio. A prática de ensino supervisionada (PES) foi realizada na Escola Secundária de Rocha Peixoto (ESRP), durante o ano letivo 2017/2018, sob orientação do orientador cooperante (OC), professor da ESRP, sob supervisão de um professor do ISMAI e elo de ligação entre a escola cooperante e o instituto universitário. Durante a PES tive a oportunidade de estar inserido na comunidade escolar e poder assim vivenciar o contexto real de ensino. Além deste documento, no qual apresento uma descrição detalhada sobre o que foi realizado, ao longo do ano produzi outros documentos orientadores, nomeadamente um registo biográfico, a caracterização da escola e do meio, expetativas iniciais e ainda o plano de formação e intervenção (PFIE).

O RPES está dividido em quatro capítulos, os quais passo a citar: dimensões, prática em contexto, prática profissional e reflexões finais. No primeiro dos capítulos, apresento as razões pelas quais decidi percorrer este caminho e quais as minhas expetativas iniciais. No segundo capítulo, apresento a importância da PES e da escola cooperante. O terceiro capítulo é referente à organização e gestão do ensino-aprendizagem, à participação na escola, à relação com a comunidade e ainda ao desenvolvimento profissional. Por fim, o quarto capítulo retrata as reflexões finais relativas à experiência profissional, à componente ético-profissional e ao impacto da PES.

I Dimensões: Pessoal e Profissional

1 – Uma decisão a partir de um percurso

O meu nome é Nuno Gabriel Ribeiro Silva, nasci ao vigésimo dia do mês de novembro de mil novecentos e noventa e quatro, na cidade de Esposende, situada no norte litoral de Portugal. Desde cedo evidenciei o gosto pelo desporto e pela atividade física. Segundo relatos de familiares próximos, comecei a caminhar de forma muito precoce e, com dois anos, já conseguia nadar sem auxílio. Era assim o início de uma vida dedicada ao desporto.

Ainda antes de entrar no ensino básico, lembro-me de dar os primeiros pontapés numa bola em casa dos meus avós, com o meu avô materno. Embora o meu avô já não se encontre cá fisicamente, devo aos meus avós maternos tudo o que hoje sou, porque neles encontrei a minha maior motivação e o meu maior exemplo. Foram eles, juntamente com os meus pais, que me acompanharam em todos os passos da minha vida. Para eles não existem palavras de agradecimento que revelem inteiramente a gratidão que sinto.

Aos quatro anos os meus avós ofereceram-me uns patins. Mal eles podiam imaginar que os patins iriam fazer para sempre parte da minha vida. Aos cinco anos, por convite de um colega de escola, decidi experimentar hóquei em patins no Hóquei Clube de Fão, clube que tinha acabado de ser criado, sendo uma novidade para a localidade e, conseqüentemente, também para mim. Os primeiros treinos e as primeiras aventuras entre quatro tabelas serão sempre recordados com satisfação pelo miúdo pequenino de cabelo loiro que chorava sempre que a mãe saía do pavilhão. Hoje continua a ser a minha modalidade de eleição, a qual ainda pratico, estando ao serviço do Clube Desportivo da Póvoa. Além dos dois clubes já mencionados, conto com passagens pelo Hóquei Clube de Braga e pelo Famalicense Atlético Clube. Como marcos importantes da minha carreira, tenho passagens pelas seleções distritais, sendo que as conquistas mais importantes foram alcançadas aquando da representação do Hóquei Clube de Braga, contando com presenças nos campeonatos nacionais de formação, presenças na primeira divisão sénior e ainda em competições europeias. Nos escalões de formação, no decorrer do meu ano de iniciado, ao serviço da seleção do Minho, conquistei o prestigiado torneio inter-regiões. Durante o escalão de juniores, somei alguns títulos de campeão regional, um terceiro lugar no campeonato nacional e dois segundos lugares, também no campeonato nacional, em anos consecutivos. A nível sénior, conto com uma subida da segunda divisão para o escalão máximo do hóquei português.

Relativamente ao meu percurso escolar, iniciei-o na escola primária de Cepães, devido à proximidade da casa dos meus avós, mas a partir do quinto ano, e até ao nono, frequentei a

Escola Básica António Correia de Oliveira. Antes de ingressar na universidade, no ensino secundário realizei os meus estudos na Escola Secundária Alcaides Faria. A entrada no ensino básico mostrou-me uma forma diferente de ver o desporto. As aulas de educação física, os torneios interescolares, todas aquelas atividades despertavam em mim um interesse especial. No sétimo ano, na Escola Básica António Correia de Oliveira, tive o prazer de a disciplina de educação física ter sido lecionada pela professora Nathalie Gonçalves. Foi ela a maior responsável pelo meu gosto pela disciplina, pela forma como conseguiu cativar-me, despertando em mim o interesse pelo ensino da educação física. Vejo nela um exemplo a seguir enquanto profissional. Na passagem para o ensino secundário, a minha primeira opção era ingressar no agora inexistente curso tecnológico de desporto. Mas o meu percurso sofreu um enorme desvio quando não tive vaga no curso desejado. Foi então que segui para a minha segunda opção, ingressando no curso tecnológico de artes visuais. Durante os três anos do curso de artes visuais frequentei a Escola Secundária Alcaides Faria, localizada em Barcelos. Mais uma vez, o papel da disciplina e do professor de educação física tiveram um peso fundamental para o meu futuro. Mesmo estando, como referido, no curso de artes visuais, era nas aulas de educação física que eu realmente me sentia bem. Aí percebi que aquele tinha de ser o meu caminho e rapidamente procurei alternativas para conseguir entrar no curso de educação física e desporto no ensino universitário. Em 2013, depois de um ano dedicado apenas a completar a disciplina de geometria descritiva, finalmente ingressei no tão esperado curso de educação física e desporto no Instituto Universitário da Maia.

A entrada no curso de educação física e desporto possibilitou que fosse em busca de um sonho. Desce cedo que vi os professores de educação física como exemplos para mim, conseguiram fazer com que valorizasse muitos valores da vida através do desporto, desde então, desejo poder um dia influenciar a vida de alguém tal como eles influenciaram a minha. Ser professor de educação física sempre foi um desejo pessoal, este ficou ainda mais vincado quando, no segundo semestre do terceiro ano, escolhi a opção de atividades supervisionadas de ensino da educação física. As vivências com as escolas e alunos durante as atividades propostas na disciplina fizeram-me ter ainda mais certezas sobre aquilo que eu queria e, na hora de optar por um mestrado, não tive qualquer dúvida, seguindo assim para o mestrado de ensino da educação física nos ensinos básico e secundário.

O primeiro ano do mestrado, de todos os anos escolares, foi até agora o que mais me ensinou, foi aquele ao qual mais me dediquei e com o qual mais me identifiquei. Foi um ano muito exigente, mas também muito gratificante. Senti em cada aula que frequentei que era naquela

direção que deveria seguir. Ao longo do percurso escolar, muitas das vezes não encontrei motivação necessária para me manter atento, no sentido contrário, durante o mestrado senti-me motivado em todas as aulas, sentia que a informação que me era dada seria útil para o meu conhecimento.

Na entrada para o segundo ano, tive de escolher a escola onde queria realizar a PES. Desde cedo que a primeira opção foi a ESRP, uma escola que tem todas as condições necessárias para me ajudar a ser um melhor profissional. Deste ano tentei aproveitar ao máximo todas as oportunidades que surgiram e que me ajudaram a ser um melhor professor.

2 – Expetativas iniciais

Durante o primeiro ano do MEEFEBS foi proposta aos alunos a realização de uma visita a uma das escolas cooperantes, com o intuito de realizar uma tarefa experimental com uma das turmas dos estudantes estagiários do segundo ano do MEEFEBS. Devido à proximidade do local onde habito, a escola que decidi visitar foi a ESRP. Ao longo da realização da tarefa, foi perceptível a envolvimento da escola com os alunos e com os professores. Desde logo percebi que esta iria ser a minha primeira opção na lista de candidatura para o ano de PES que se avizinhava. Particularmente, vários foram os aspetos que pesaram nesta minha decisão. O historial da escola em relação ao desporto escolar, as condições das infraestruturas desportivas e escolares em geral, a importância notória que a educação física ocupa na escola e a primeira impressão agradável que tive do OC aquando da visita à escola. Deste modo, conseguir terminar o primeiro ano do MEEFEBS com uma boa classificação era essencial para ser um dos primeiros na lista de seriação e um dos primeiros no processo de escolha das escolas. Mais tarde, este fator viria a ser fundamental, visto que a ESRP foi uma das escolas com mais candidatos. Não obstante, fiquei colocado, tal como pretendia, na ESRP, juntamente com os meus colegas Gil Ferreira e Kelly Martins com os quais procurei formar um núcleo de PES capaz de ultrapassar as adversidades em conjunto em prol da nossa evolução.

Nas primeiras visitas à escola foi possível realizar uma primeira análise em relação ao que nos esperava. O OC prontamente se encarregou de nos ambientar à escola e a toda a comunidade escolar para que a adaptação fosse mais fácil e rápida. Ainda antes do início do período letivo, houve uma reunião com o grupo de educação física na qual foram abordados temas como a distribuição anual dos espaços e as modalidades a abordar por cada ano de ensino. No final da reunião, os estudantes estagiários e o OC discutiram os moldes em que seria feita a divisão das

turmas. Chegámos à conclusão de que seria importante passar pelas três diferentes turmas de forma a enriquecer a experiência deste ano de PES. Deste modo, ao longo dos três períodos houve uma rotação entre os três estudantes estagiários pelas três turmas.

Neste ano de PES tinha como pretensão evoluir, não só em contexto de aula mas também em todas as restantes situações envolventes do contexto escolar. Perspetivava-se um ano trabalhoso e exigente, com o objetivo de melhorar vários aspetos, por forma a tornar-me futuramente num docente competente. Tinha a noção de que vivenciar as aulas num contexto real de escola iria trazer problemas outrora desconhecidos. Nesse sentido, identificava no controlo da turma, na motivação dos alunos e na transmissão do conhecimento dos conteúdos o grande desafio para este ano letivo. Fora do contexto de aula, pretendia auxiliar o OC nas diferentes tarefas necessárias, assim como toda a comunidade escolar, mostrando disponibilidade e sendo um apoio viável para ajudar na resolução de problemas existentes.

Relativamente à envolvência com o meu núcleo de PES, contava com cooperação, colaboração e auxílio na aprendizagem e evolução. Por outro lado, comprometia-me eu também com os mesmos princípios, trabalhando em prol da evolução do núcleo de PES e da aprendizagem dos alunos das diferentes turmas.

A PES é o lugar onde sempre esperei aplicar todos os conhecimentos teóricos que fui acumulando ao longo do meu percurso, o lugar onde finalmente o contacto com os alunos e com a comunidade escolar se torna real. De forma a conseguir superar as expectativas, perspetivou-se um ano trabalhoso e exigente, estando consciente de que só com trabalho e exigência se prestigiaria a instituição universitária e a escola cooperante.

II Prática em Contexto

1 – A importância da PES

A PES assume-se como um momento único no percurso académico dos estudantes estagiários. Além de referirem a PES como a última etapa da qualificação profissional para a docência, os autores Resende, Silva, Albuquerque, Lima e Castro (2014) classificam-na como um processo complexo, multifacetado e caracterizado pela transferência do conhecimento teórico para a prática. É o momento da passagem do conhecimento teórico que foi adquirido durante as aulas para o exercício prático das aulas de educação física. O estágio é o primeiro contacto com o mundo profissional, sendo uma etapa em que os iniciantes podem colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da experiência universitária. A possibilidade de vivenciar a escola num contexto real de aula aumentou a proximidade face às realidades da profissão (Caires, 2001).

Como se depreende dos estudos realizados por Albuquerque, Silva, Resende, Gonçalves e Gomes (2015), a PES desenvolve habilidades-chave nos estudantes estagiários, sendo que estes consideram que aprendem mais durante a PES do que em qualquer outro momento do percurso académico. É durante a PES que há a possibilidade de colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos até então. É, por conseguinte, uma oportunidade de vivenciar a escola num contexto real, com alunos reais e com situações reais.

Esta é a primeira entrada no mundo profissional, na qual se pode observar a passagem de estudante para professor. O facto de vivenciar diretamente a escola faz com que os saberes e as crenças sejam confrontados, sendo, portanto, inevitável o choque com a realidade (Costa Filho e Iaochite, 2015). Cunha e Zanchet (2010) acrescentam que este choque com a realidade provém da existência de exigências diferentes das encontradas na formação inicial.

Com o aparecimento de diferentes exigências, aumenta a importância do OC e do professor supervisor. O professor cooperante tem um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes estagiários (Albuquerque, Aranha, Gonçalves, Pinheiro e Resende, 2012 e Lima, Benites, Resende e Cardoso, 2018). Da mesma forma, Gonçalves e Silva (2017) afirmam que os estudantes estagiários precisam de bons guias, que os possam auxiliar durante a PES e que consigam fazer com que seja atingido um grau de profissionalismo o mais satisfatório possível. Ao longo da PES, o OC e o professor supervisor assumiram uma posição preponderante na minha evolução, auxiliando em todas as dificuldades encontradas, aconselhando, corrigindo e fornecendo diretrizes que me direcionassem para um melhor exercício da profissão.

Em Portugal, a PES encontra-se legalmente enquadrada no Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio e no Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de março que habilita profissionalmente para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário. No ISMAI, a PES surge no segundo ano do segundo ciclo dividida entre a prática pedagógica em contexto e o RPES. Para que tal aconteça, é da responsabilidade da instituição universitária o cumprimento de protocolos com escolas cooperantes que estejam dispostas a receber os estudantes estagiários durante os três períodos do ano letivo.

2 – A escola cooperante: o lugar de prática

Para a realização da PES, o estudante estagiário necessita de uma escola cooperante que esteja disposta a recebê-lo. Assim, a instituição universitária é responsável por procurar e estabelecer protocolos com escolas que disponham de professores de educação física experientes que estejam disponíveis para receber os respetivos núcleos de PES. Deste modo, ainda antes do ano de PES, foram apresentadas aos estudantes estagiários todas as escolas disponíveis. Depois de avaliar as possibilidades, a ESRP foi a minha primeira opção, devido à importância que é dada aos valores e, sobretudo, ao desporto e à educação física. As candidaturas as escolas foram efetuadas mediante uma lista de seriação apresentada pela instituição universitária (dispunha os alunos por ordem de unidades de créditos concluídos, número de ECTS mais elevado, média ponderada obtida no primeiro ano do MEEFEBS e idade do candidato, dando preferência ao mais velho). Como anteriormente referido, coloquei a ESRP no topo da lista de preferências e, felizmente, quando os resultados foram apresentados, acabei colocado nessa mesma escola.

A ESRP situa-se na Praça Luís de Camões, na cidade da Póvoa de Varzim. Com cerca de 63 mil habitantes, a cidade está localizada no norte litoral, sendo que o mar é a sua maior forma de sustento, dando trabalho a pescadores e valorizando o comércio local devido à qualidade das suas praias. É desta cidade e das suas localidades vizinhas que são provenientes os cerca de 1500 alunos que frequentam a escola. A escola conta ainda com 180 professores divididos pelas diferentes áreas de ensino, com 55 funcionários e ainda com uma psicóloga disponível para a comunidade escolar.

Em 2007/2008 deu-se início às obras de modernização da escola ao abrigo do “Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário”, tendo as instalações, já requalificadas, sido inauguradas a 16 de janeiro de 2010 pelo então primeiro-ministro, José Sócrates, e pela então ministra da educação, Isabel Alçada. Com esta modernização, a escola passou a contar com instalações de qualidade superior, como por exemplo, um edifício polivalente melhorado, um

aumento de dez salas de aulas, uma piscina interior e o melhoramento do ginásio polivalente. Relativamente a instalações para a prática desportiva, a escola passou a dispor de um ginásio polivalente melhorado, um ginásio de dança, dois campos exteriores, um campo de relva sintética e ainda uma piscina coberta. Graças a esta panóplia de instalações para a prática desportiva, é possível atribuir uma modalidade a cada espaço, facilitando assim o existente *roulement* de espaços. Adicionalmente, a escola dispõe de diverso material em perfeito estado de conservação, facilitando as aulas de educação física.

Para a ESRP o desporto escolar tem uma importância acrescida, algo que é possível constatar através das nove modalidades disponíveis: ténis, natação, basquetebol, badminton, boccia, desporto adaptado, golfe, atividades rítmicas expressivas e bodyboard/surf. Muitos alunos optam por ingressar na ESRP devido às condições de que esta dispõe no desporto escolar, acabando por alcançar vários títulos quer a nível regional, quer a nível nacional.

A ESRP ofereceu todos os recursos e oportunidades para que a PES decorresse como previsto. Destaco a qualidade das instalações, a disponibilidade de toda a comunidade escolar e ainda o acompanhamento do OC, que desde o início se mostrou uma peça fundamental para a minha evolução.

3 – Caracterização das turmas

Durante a PES, trabalhei com três turmas do 11.º ano (11.º D, 11.º E e 11.º P) e uma do 6.º ano (6.ºF). As turmas de 11.º ano foram lecionadas de forma rotativa, ficando responsável por uma turma diferente em cada período. Em relação ao 6.º ano, lecionei a turma durante a unidade didática de ginástica ao longo de seis aulas.

A primeira turma com a qual tive contacto foi o 11.º P, turma do curso profissional de técnico de apoio à gestão desportiva. A turma era composta por 22 alunos, 11 do sexo masculino e igual número do sexo feminino. Embora que 68% dos alunos tenha identificado a educação física como a sua disciplina preferida, tratou-se de uma turma com um nível motor médio, havendo alguns alunos com dificuldades coordenativas. Mostrou-se uma turma com dificuldades de concentração e com alguns alunos desestabilizadores. Lecionei a turma durante o primeiro período, conseguindo abordar todos os conteúdos que haviam sido proposto.

No segundo período a turma que ficou sobre a minha responsabilidade foi o 11.º E. Pertencente ao curso científico-humanístico de ciências e tecnologia, a turma era constituída por 26

elementos, 11 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, com um intervalo de idades entre os 15 e os 17 anos. Dos 26 alunos, apenas 7 identificaram a educação física como a sua disciplina preferida e 17 dos alunos não praticam desporto federado. Comparativamente ao 11.º P, a turma mostrou maiores facilidades a nível motor e de concentração. Tratou-se de uma turma bem comportada e empenhada em todas as tarefas empregues. Além disso, mostraram ser uma turma unida, com laços fortes entre os alunos. A boa disposição e animação foram habituais durante as aulas. Tal como no primeiro período todos os conteúdos propostos foram abordados.

Foi durante o terceiro período que lecionei o 6.ºF de forma a ficar capacitado de lecionar grupos de recrutamento 260. Tratou-se de uma turma com idades inferiores as turmas com as quais havia trabalhado, exigiu de mim um tipo de trabalho diferente, mais adequado a essa faixa etária. A turma era formada por 20 alunos, dos quais 7 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A nível motor os alunos apresentaram um desempenho positivo, mostrando-se empenhados e motivados durante todas as aulas.

Por fim, também durante o terceiro período fiquei encarregue de lecionar o 11.º D. Em semelhança com o 11.º E, a turma pertencia ao curso científico-humanístico de ciências e tecnologias, sendo uma das turmas com melhor média da escola, com vários alunos no quadro de excelência. Constituída por 27 alunos, 16 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. A turma em geral demonstrou um nível motor e cognitivo elevado, capazes de realizar todas as tarefas, sendo que, 17 dos alunos da turma praticavam atividade física. Realço ainda o facto de que 41% dos alunos identificou a disciplina de educação física como disciplina preferida. Como tal conseguiram manter um comportamento adequando ao longo de todo o período e à semelhança das duas turmas de 11.º ano conseguiram cumprir os objetivos propostos.

III Prática Profissional: do plano da análise ao da intervenção

1 – Organização e gestão do ensino-aprendizagem

1.1 – Planeamento

A primeira fase do processo de organização e gestão do ensino-aprendizagem foi o planeamento. Segundo Januário, Anacleto e Henrique (2015), o planeamento é um conjunto de decisões prévias à fase interativa do ensino, respondendo a questões como quais são os objetivos, o que ensinar, como organizar a aula e as suas tarefas e como gerir o tempo. A fase de planeamento teve início na reunião de arranque do ano letivo do grupo de educação física. O plano nacional de educação física já havia sido discutido pelos professores que lecionam na escola há mais tempo, sendo que as modalidades já se encontravam distribuídas pelos diferentes anos de ensino. Todos os anos, a ESRP usufrui de um roulement de instalações previamente estruturado, simplificando a rotação de espaços ao longo do ano e tornando possível saber, desde o início, quais as modalidades a abordar em cada período letivo. As condições da escola e o facto de a mesma usufruir de um roulement de instalações foram uma oportunidade. O roulement facilitou o planeamento de todas as unidades didáticas, uma vez que se eliminou a incerteza sobre o espaço a utilizar. Todas as unidades didáticas foram lecionadas de forma ininterrupta, exceção feita aos dias em que as condições meteorológicas não permitiram a realização da aula em espaço exterior.

Depois de conhecer as modalidades a serem abordadas foi importante realizar a planificação das unidades didáticas. Optei por realizar uma planificação descritiva onde englobei a avaliação diagnóstica, a planificação dos conteúdos a abordar em cada aula e por fim a justificação desses conteúdos. Este tipo de planificação mostrou-se fundamental para a preparação de todas as unidades didáticas mas especialmente para a unidade didática de basquetebol onde foi utilizado o modelo de educação desportiva. Esta planificação facilitou a abordagem dos conteúdos, existindo uma descrição do que foi feito ao longo do modelo de educação desportiva (divisão por equipas, utilização de capitães e sistema de pontuação).

Relativamente ao ensino profissional, e mais concretamente à turma 11.º P, uma das turmas da responsabilidade do núcleo de PES, a disciplina de educação física está dividida por módulos, sendo que cada módulo corresponde a uma modalidade. No primeiro período seriam abordados os módulos de badminton e ginástica de solo e mini trampolim, no segundo período seriam abordados os módulos de dança e de aptidão física e saúde, e no terceiro período os módulos de basquetebol e de aptidão física.

No ensino regular, mais propriamente nas turmas 11.º D e 11.º E, as modalidades foram divididas em badminton, ginástica acrobática e voleibol no primeiro período, futebol e natação no segundo período e, por fim, basquetebol no terceiro período. De referir ainda que em cada período do ensino regular seria abordada uma diferente disciplina de atletismo, sendo o salto em altura a escolha para o primeiro período, a corrida de velocidade para o segundo e o lançamento do peso para o terceiro período.

Com a distribuição das turmas pelos diferentes estudantes estagiários, fiquei encarregado de lecionar no primeiro período o 11.º P, turma do ensino profissional, no segundo período o 11.º E e no terceiro período o 11.º D, ambas as turmas de ensino regular. Assim, no primeiro período lecionaria badminton e ginástica de solo e mini trampolim, no segundo período lecionaria futebol e natação, e no terceiro período basquetebol. A corrida de velocidade seria abordada em simultâneo com as aulas de futebol e o lançamento do peso em simultâneo com as aulas de basquetebol. Além das modalidades já referidas, também no ensino regular seriam realizados, no primeiro e no segundo períodos, os testes FitEscola, enquanto para o terceiro período estava previsto um teste escrito envolvendo as modalidades lecionadas até à data. Ao longo das três turmas consegui cumprir com os objetivos do plano anual, lecionando os conteúdos pedidos. Realço a modalidade de basquetebol onde embora os conteúdos fossem exigentes, foram cumpridos utilizando o modelo de educação desportiva.

De seguida, deu-se início à planificação das unidades didáticas. Para todas as modalidades foi realizada uma avaliação diagnóstica na primeira aula dedicada a essa mesma unidade didática. Como se depreende das palavras de Simões, Fernando e Lopes (2014), a avaliação diagnóstica serve para realizar um prognóstico acerca das capacidades dos alunos em relação aos novos conteúdos que serão abordados. Segundo Mendes, Clemente, Rocha e Damásio (2012), a observação deve incidir em aspetos que se pretendem lecionar ao longo das unidades didáticas, sendo que a observação na fase diagnóstica será mais abrangente, facilitando a divisão de grupos de nível. Como tal, procurei focar-me nos pontos mais fortes e nos pontos mais fracos de cada unidade didática de forma a conseguir ter uma melhor perceção dos diferentes níveis existentes em cada, conseguindo deste modo, realizar uma melhor planificação para cada unidade didática.

A planificação das unidades didáticas foi realizada sempre conforme os resultados obtidos através da avaliação diagnóstica, pois só assim conseguiria direcionar o ensino para a aprendizagem dos alunos. Segundo Resende e Lima (2016), exige-se que um professor consiga

não só instruir e ensinar, mas também motivar os alunos. Assim, todas as unidades didáticas foram planeadas para que os alunos agissem motivados e de forma a haver uma sequência lógica que levasse ao objetivo final de cada modalidade. A este respeito, senti que um dos pontos fortes relativos ao planeamento foi a forma como consegui construir as aulas ao longo das unidades didáticas, procurando sempre uma sequência lógica que fosse ao encontro da evolução dos alunos e ao objetivo final.

Relativamente aos planos de aula, houve uma estruturação-base para facilitar a sua leitura, sendo que essa mesma estruturação foi utilizada nas diferentes unidades didáticas. Antes da realização de qualquer plano de aula, fez-se um estudo acerca dos conteúdos a lecionar, pois só assim se conseguiria aumentar a qualidade de ensino para os alunos. O plano de aula serviu sempre como instrumento orientador da aula, embora algumas vezes houvesse alterações de forma a aumentar positivamente a dinâmica da aula. No início do ano letivo, identifiquei como fraqueza o receio de introduzir exercícios diferentes dos habituais. Realço o facto de no final da PES ter conseguido ultrapassar essa fraqueza, terminando o ano com uma assinalável diversidade de exercícios. Com essa melhoria consegui aumentar os níveis de empenho e de motivação dos alunos não tornando as aulas monótonas.

Por fim, no final de cada aula, de forma a melhorar o desempenho de todos os estudantes estagiários e a facilitar o planeamento das aulas seguintes, houve uma troca de ideias entre os estudantes estagiários e o OC acerca da aula lecionada e sobre quais os aspetos a serem melhorados. Esta foi uma parte importante da PES, estes momentos de troca de ideias foram benéficos para a minha evolução e para a evolução dos meus colegas. Tentei absorver o máximo de informação, quer da parte dos meus colegas estudantes estagiários quer do OC, melhorando a cada aula graças aos seus reparos e conselhos.

1.2 – Realização

Como ferramenta para estruturar a realização da prática, foram utilizados diferentes modelos de ensino. Relativamente ao modelo de ensino utilizado, no primeiro e no segundo período, nomeadamente com o 11.º P e 11.º E, foi utilizado o modelo de instrução direta. Procurei exemplificar e instruir os alunos para que os conteúdos fossem todos compreendidos da melhor forma. Como defendem Pereira, Mesquita, Araújo e Rolim (2013), o modelo de instrução direta centra o processo de ensino-aprendizagem no professor. Isso facilita a forma como o professor

consegue instruir os alunos e ter um maior controlo sobre as suas aprendizagens. Na fase inicial em que foi utilizado, achei ter sido o modelo ideal. Tratou-se da minha primeira experiência em contexto real de aula, com este modelo consegui ter um controlo maior sobre a turma o que me trouxe confiança para abordar as aulas. Em relação aos alunos, conseguiram sempre entender a posição do professor sendo sempre respeitadores e cumpridores.

Ainda assim numa das turmas foi notório o desinteresse pela disciplina. Segundo Thomaz Melo (2018), para conseguir utilizar as estratégias mais eficazes, é importante que o professor seja capaz de detetar, ao longo das aulas, as necessidades dos alunos. O mesmo autor refere que cabe ao professor escolher a melhor estratégia e conseguir flexibilizá-la para manter o foco dos alunos e desenvolver competências individuais e coletivas. Em relação à turma 11.º P, os alunos desde cedo demonstraram pouco interesse na disciplina. Assim, procurei encontrar estratégias para conseguir cativar e motivar os alunos para a realização das aulas. Uma das estratégias que utilizei foi a introdução de exercícios de carácter competitivo e cooperativo, durante os quais os alunos teriam de agir cooperativamente para atingirem os objetivos definidos. Os investigadores Yuste, García-Jiménez e García-Pellicer (2013) comprovaram, pela frequência cardíaca dos alunos, uma maior dedicação em desportos coletivos do que em individuais. Apesar de que durante este período as modalidades abordadas tenham sido apenas modalidades individuais, realço o facto de todos os objetivos propostos terem sido cumpridos, concluindo assim, que tenha tido êxito na estratégia utilizada.

O terceiro período, com o 11.º D, foi dedicado ao basquetebol, sendo que o número de aulas foi superior ao das modalidades anteriormente lecionadas. Tratava-se de uma turma bastante competente não só em questões comportamentais, mas também em questões de disponibilidade motora. Pelas razões apresentadas, tal como a reflexão de aula n.º 17 e 18 refere, decidi aplicar o modelo de educação desportiva (Siedentop, 1994).

“Depois de uma reflexão relativa ao nível da turma, decidi que seria enriquecedor para o professor e para os alunos a alteração do modelo de ensino e optei por um modelo que visasse capacitar as qualidades dos alunos relativas à modalidade de basquetebol. O modelo de educação desportiva dá mais responsabilidade e autonomia aos alunos, transformando as aulas e a unidade didática numa época desportiva.” (Reflexão da aula n.º 17 e 18 de basquetebol, 8 de maio de 2018)

Segundo Pereira et al. (2013), o modelo de educação desportiva utiliza estratégias mais implícitas e menos formais no processo de ensino-aprendizagem em comparação com outros modelos usualmente utilizados. Siedentop (1994) refere que o modelo de educação desportiva foi desenvolvido de forma a oferecer experiências desportivas autênticas e educacionalmente ricas para todos os alunos. Procurou-se, assim, potenciar de uma forma inovadora o ensino e a aprendizagem da unidade didática. Durante o modelo de educação desportiva a turma foi dividida em quatro equipas, cada equipa tinha o seu capitão, a sua cor e o seu nome. Antes das aulas informava os capitães dos conteúdos a abordar e aconselhava sobre a melhor maneira para serem abordados, a partir daí, os capitães ficavam responsáveis pela transmissão dos exercícios para a equipa. No decorrer dos jogos, os capitães, além de treinadores ficaram encarregues de arbitrar o jogo tendo ainda como função a transmissão das regras para os restantes elementos da equipa. Os jogos foram realizados em formato de campeonato com todas as equipas a jogarem entre elas, a que obteve o maior número de vitórias no final acumulou um maior número de pontos. Além dos jogos, houve ainda tarefas de aula relacionadas com os conteúdos abordado onde as equipas tiveram de cumprir com os objetivos de cada tarefa. Todas as tarefas foram pontuáveis para a classificação. Por fim, para classificação final, fez-se a soma dos pontos do campeonato com os pontos das tarefas diárias, encontrando-se assim a equipa vencedora. De modo a congratular os alunos por toda a dedicação ao longo do modelo de educação desportiva, por todo o sucesso alcançado e pelo cumprimento das metas propostas pelo programa nacional, na última aula do período foram entregues medalhas de participação a todos os alunos. Em geral, os resultados da utilização do modelo de educação desportiva foram bastante positivos. Relativamente à avaliação diagnóstica, todos os alunos conseguiram evoluir e compreender melhor o jogo. De realçar ainda a forma exemplar como os capitães participaram no modelo, procurando sempre auxiliar os colegas e utilizando bastante o feedback para a sua melhoria. Foi ainda notória a boa disposição de toda a turma ao longo das tarefas.

Independentemente da turma e do modelo utilizado, ao longo do trabalho com as três turmas procurei manter uma postura descontraída, tentando ser aquilo que sempre fui, sem nunca descurar o papel de professor e mantendo um ambiente saudável na relação professor-alunos. Segundo Haigh (2010), a simpatia traz a sua própria recompensa e os professores tendem a repetir o processo mesmo sem darem conta. A simpatia do professor faz com que os alunos encarem as aulas de educação física com uma maior motivação e consigam alcançar os resultados desejados. Taylor e Tashakkori (1995) corroboram exatamente isso, referindo que um clima escolar positivo está associado a uma maior satisfação no trabalho e a uma maior

capacidade de inovação. Este penso ter sido um dos fatores mais importantes para a boa disposição dos alunos ao longo das aulas. Com esta forma de encarar as aulas consegui cativar os alunos e fazer com que aparecessem mais motivados a cada dia.

Além da importância de um bom ambiente acima mencionado, estudos realizados por Atienza, Valencia-Peris, Martos, Pastor e Devís (2016) comprovam que a maioria dos alunos refere que um elevado número de feedbacks permite corrigir erros, contribuindo para melhorar a qualidade das tarefas pedidas. Conforme explicam Hattie e Timperley (2007), o feedback está entre as maiores influências críticas dos alunos. Ainda segundo os mesmos autores, o feedback, para ser eficaz, tem de ser claro, intencional, significativo e compatível com o conhecimento prévio dos alunos. Defendem ainda que, quando o feedback é combinado com uma instrução eficaz, pode ser um forte aliado para melhorar a aprendizagem. O feedback é uma forma eficaz que o professor pode e deve continuar a utilizar para conseguir moldar os seus alunos (Drost e Todorovich, 2017). Esta foi uma das estratégias que mais utilizei para melhorar a experiência dos alunos. Fui utilizando variadas vezes este recurso, grande parte das vezes com feedbacks positivos, de forma a cativar os alunos e aumentar a sua motivação para as aulas, assim como mostra a reflexão da aula n.º 7 e 8.

“Tentei dar alguns feedbacks, sobretudo positivos e corretivos, embora pudesse ter feito mais algumas correções em pormenores.” (Reflexão da aula n.º 7 e 8, badminton, 9 de outubro de 2017)

Durante este ano de PES reparei na minha capacidade de instrução e na facilidade em conseguir transmitir os conteúdos da aula aos alunos, assim como a capacidade de ajustamento e adaptação. Pesquisar sobre as modalidades abordadas e conseguir facilmente exemplificar e demonstrar fez com que fosse mais fácil a tarefa de instruir os alunos. Para Roldão (2003), um dos sinais de competência é ser capaz de observar as situações e ajustar-se a elas. Conseguir identificar erros durante a aula e ter a capacidade de os alterar na hora fez com que a aula tivesse uma melhor dinâmica, mesmo quando as coisas não corriam como inicialmente tinham sido programadas.

Porém, reconheço que a gestão do tempo de aula sempre foi uma dificuldade. A necessidade de concluir os exercícios com sucesso fez com que em algumas situações houvesse descuido no tempo e fosse obrigado a saltar alguns exercícios propostos para a aula. Esse fator acontece pela necessidade de ver os alunos a realizarem os exercícios da melhor forma. O principal objetivo

sempre foi a aprendizagem dos alunos. Sabendo que há exercícios mais importantes do que outros, esse fator explica o porque de prolongar certas tarefas em detrimento de outras.

Por fim, em relação às ameaças, desde cedo que existiu uma preocupação acerca do comportamento dos alunos. Essa preocupação foi diminuindo ao longo do ano letivo, visto que eram três turmas com um comportamento exemplar, facilitando assim o desenrolar das aulas. Para que o comportamento não sofresse alterações foi importante manter uma postura sólida, mostrando o papel do professor.

1.3 – Avaliação

A última fase do processo de organização e gestão do ensino-aprendizagem é relativa à avaliação. Como se depreende das palavras de Simões, Fernando e Lopes (2014), a avaliação é parte integrante do processo educativo, sendo imprescindível em qualquer proposta educativa. Na mesma linha de pensamento, reconhecer o ponto de situação dos alunos, conseguindo comunicar os seus pontos fortes e os seus pontos a melhorar, é um elemento essencial para uma avaliação eficaz (Newton e Bouler, 2015). Gonçalves, Albuquerque e Aranha (2010) conferem que a avaliação deve ser uma forma de ajudar o aluno a progredir no sentido de alcançar os objetivos e não uma forma de criar hierarquias. Tendo em conta a importância da avaliação, procurei ser rigoroso durante toda a PES. Não obstante a isso, tentei suportar a minha avaliação numa perspetiva mais criterial.

De facto, em relação aos tipos de avaliação, podemos considerar dois, a avaliação normativa e a avaliação criterial. Segundo Manrique (2009), a avaliação normativa responde à tradição seletiva dos alunos tendo como objetivo comparar o desempenho entre eles, enquanto o objetivo da avaliação criterial é que todos os alunos dominem os conteúdos do programa, apreciando assim a realização dos objetivos e não a comparação entre os alunos. Morgan (2017) defende que os alunos mais competitivos se identificam mais com a avaliação normativa; por outro lado, a avaliação criterial é mais motivadora para os alunos com maiores dificuldades na disciplina. Neste sentido, e percebendo que os dois tipos de avaliação se complementam, o tipo de avaliação utilizado durante a PES pautou-se por uma avaliação mista, conjugando a avaliação normativa (comparando o desempenho dos alunos) e a avaliação criterial (valorizando o cumprimento dos objetivos definidos).

Ademais, a avaliação foi dividida em três diferentes momentos, nomeadamente avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa. O primeiro dos três momentos foi a avaliação diagnóstica. Ferreira (2005) defende a avaliação diagnóstica como ação importante no planeamento do processo ensino-aprendizagem, tendo como objetivo dar indicações precisas do nível dos alunos de cada turma. Gonçalves, Albuquerque e Aranha (2014) comprovaram que a maioria dos professores de educação física entrevistados refere a avaliação diagnóstica como uma forma de identificar o nível inicial dos alunos relativamente às atividades físicas, à aptidão física e aos conhecimentos dos alunos. Pelo que foi anteriormente apresentado, conferi à avaliação diagnóstica uma importância elevada, para tal, como apresenta a reflexão da aula n.º 1 e 2 de basquetebol, na primeira aula de cada modalidade foi realizada uma avaliação diagnóstica de forma a avaliar o nível inicial da turma e dos alunos.

“Como é hábito, em todas as unidades didáticas a primeira aula teve como objetivo a avaliação diagnóstica dos alunos (...) os alunos encontram-se num nível bastante satisfatório, sendo que alguns dos alunos se encontram em nível de excelência. Isto evidencia que a turma necessitará de conteúdos desafiantes, o que torna também a função do professor exigente e trabalhosa.” (Reflexão da aula n.º 1 e 2 de basquetebol, 9 de abril de 2018)

Relativamente à avaliação formativa, Simões, Fernando e Lopes (2014) conferem que tem como finalidade oferecer informações sobre o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem, sendo uma avaliação que contribui para melhorar a aprendizagem dos alunos. Da mesma forma, Atienza et al. (2016) defendem que a avaliação formativa, além de facilitar a aprendizagem, aumenta a motivação dos alunos para a disciplina e ainda desenvolve a sua capacidade de responsabilidade. Segundo Lima e Albuquerque (2018), à avaliação formativa atribuem-se funções de caráter pedagógico como a ajuda, o diagnóstico e a realização; por outro lado, à avaliação sumativa costumam ser atribuídas funções sociais da avaliação (seleção, hierarquização e certificação). No final de cada aula realizou-se uma avaliação individual dos alunos. Visto que temos regularmente uma ideia do desempenho de todos, este processo de avaliação formativa permite não só impulsionar a evolução dos alunos, mas também facilitar a avaliação sumativa.

Relativamente à avaliação sumativa Simões, Fernando e Lopes (2014), referem que esta é uma avaliação pontual, normalmente realizada no final de cada unidade didática. Os mesmos autores defendem que a avaliação sumativa tem como objetivo determinar o grau de domínio dos

objetivos previamente estabelecidos, servindo também de auxílio para a realização de um balanço sobre as aprendizagens e competências adquiridas. A avaliação sumativa foi realizada na última aula de cada unidade didática, utilizando uma grelha previamente facultada pela escola. Existia uma grelha diferente para cada modalidade, o que permitiu que as diferentes turmas da escola fossem avaliadas em função das mesmas grelhas e dos mesmos critérios. O ponto forte que identifiquei na escola acabou por ser simultaneamente uma das ameaças, trata-se da existência das grelhas de avaliação, facilita o trabalho dos professores e aumenta a igualdade entre os alunos, mas por outro lado limita a avaliação para os professores, visto não realizarem a grelha em função do que para eles é o mais importante. Em relação às fraquezas encontradas, a atenção aos pormenores revelou-se o maior desafio da parte da avaliação. Ao longo das unidades didáticas fui melhorando esse fator, sendo que a ajuda do OC se revelou fundamental na realização das avaliações, fornecendo não só feedbacks, mas também ajudando a distinguir os alunos e combatendo, dessa forma, a ameaça de, na fase inicial, ainda não os conseguir distinguir pelo nome.

1.4 – (Re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação

Ao longo dos quatro anos que antecederam a PES, tive a oportunidade de acumular conhecimentos e ferramentas que me preparassem para enfrentar as adversidades da escola. Ainda assim, só durante o ano de PES foi possível perceber que muitas das estratégias que funcionavam na perfeição aquando das aulas do primeiro ano do MEEFEBS com os colegas de turma, em contexto real de escola não eram exequíveis devido às particularidades que cada escola e que cada turma possuem. A forma de trabalhar com os colegas de turma era diferente da forma como tive de trabalhar com os alunos: senti diferenças na motivação, na dedicação e na compreensão, o que me obrigou a aprofundar os meus conhecimentos de maneira a conseguir retirar o máximo das capacidades dos meus alunos.

Além da adaptação acima mencionada, tive de me adaptar às diferentes turmas que fui lecionando. Como não existem duas turmas iguais, cada uma tem as suas particularidades, o que pressupõe que a estratégia que funcionava para uma turma, na outra já não era funcional. Algumas turmas preferem jogos competitivos, outras preferem jogos de cooperação, sendo tarefa do professor conseguir encontrar o equilíbrio perfeito para cada uma das turmas e a melhor forma de motivar cada um dos alunos.

Uma das estratégias que utilizei ao longo da PES foi a utilização de uma das alunas mais desmotivadas da turma na exemplificação dos exercícios. Desde cedo que a aluna demonstrava desinteresse pela disciplina, mas, a partir desse momento, foi notória uma alteração de comportamento. Ao sentir-se uma mais-valia para a aula, o seu comportamento e a sua dedicação melhoraram drasticamente, passando a ser uma das alunas mais aplicadas, colaborando na aula e até mesmo oferecendo-se para recolher o material. A partir daí percebi a importância da motivação para os alunos, e a forma como isso influencia o seu desempenho nas aulas. Penso ter conseguido ter impacto na aluna, fazendo-a ver a educação física de outra forma.

2 – Participação na escola e relação com a comunidade

2.1 – Atividades realizadas

Foram várias as atividades em que participei, sendo que todas elas tiveram importância na minha evolução, na minha relação com a comunidade escolar e na forma como interagi na escola. Um professor não se pode limitar apenas a lecionar, deve ser um elemento ativo nas atividades da escola, auxiliando nas diferentes atividades e transformando-se numa mais-valia para a comunidade escolar. Como tal, procurei desde o início ser um auxílio nas mais variadas atividades, mostrando-me disponível e tornando-me útil para a comunidade escolar.

Ao longo do ano letivo estive envolvido em diferentes atividades, algumas delas em simultâneo com o núcleo da PES. Particularmente, desde o início que estivemos presentes em reuniões do grupo de educação física de forma a termos uma melhor consciência de como as coisas são tratadas num contexto real de escola. Além disso, o OC dispunha de uma direção de turma, o que permitiu que presenciássemos de forma ativa as funções de um diretor de turma, auxiliando no que fosse pedido. De referir a participação no Dia Mundial da Alimentação, quando ficámos responsáveis por realizar um cartaz que sensibilizasse os alunos para a importância de uma alimentação correta. Além do cartaz por nós elaborado, dispusemos outros cartazes pela escola, com o intuito de alcançar um maior número de alunos. Saliento, também, a realização dos apoios teóricos e dos testes para as modalidades de atletismo e futebol. Os apoios teóricos e os testes foram realizados para os alunos com atestado médico ou os alunos que excedam o limite de faltas a determinada modalidade possam ser avaliados.

Foi nas atividades da modalidade de atletismo que o núcleo da PES esteve envolvido um maior número de vezes. Tivemos participação ativa na realização do corta-mato escolar, realizado no parque da cidade, distribuindo os dorsais pelos alunos participantes e encaminhando-os para a prova. Ainda neste capítulo, tivemos também participação ativa no corta-mato distrital realizado no parque da cidade do Porto e que contou com a presença de alunos de todo o distrito. Mais uma vez distribuímos os dorsais e encaminhámos os alunos para as provas. Colaborámos, ainda, na realização dos jogos desportivos municipais que decorreram no estádio municipal da Póvoa de Varzim, concretamente através da entrega das medalhas aos alunos vencedores. Ainda no domínio do atletismo, participámos no mega-sprint, mais uma vez sendo responsáveis pela distribuição dos dorsais e acompanhamento dos alunos. Depois de nos termos deslocado para o local e de termos realizado tudo o que estava previsto, a prova acabou por ser cancelada devido a condições meteorológicas adversas.

Para além disso, realizámos um torneio de futebol para os 7.º, 8.º e 9.º anos, fomos responsáveis pela organização do torneio e pelo seu desenrolar. Outra das atividades em que participámos foi o torneio de natação ESRP, promovido na piscina da escola, durante o qual encaminhámos os alunos para as diferentes provas e pistas, facilitando assim a dinâmica do torneio.

Ademais, estivemos presentes na gala de desporto escolar da escola, durante a qual recebemos um diploma de participação nas diferentes modalidades, e ajudámos a desmontar as estruturas. Relativamente ao IV encontro de atividades rítmicas e expressivas, estivemos presentes e auxiliámos na montagem das estruturas, mas destaco, neste ponto, a minha colega da PES, Kelly Martins, pois foi a grande responsável pelo bom desenrolar da atividade, acumulando várias funções ao longo da iniciativa.

No âmbito das Unidades Curriculares de Projetos de Intervenção I e II, foi proposto que seleccionássemos um projeto de intervenção para a escola. Após a apresentação de todos os projetos, a nossa opção teve como base o enquadramento do projeto na realidade da ESRP. Optámos, então, por um projeto intitulado “O contributo da educação física para o clima escolar”. Tratámos de todas as autorizações, realizámos uma revisão de literatura sobre o clima escolar e a importância da educação física, seleccionámos o grupo participante e realizámos uma entrevista *focus group*. Procedemos à transcrição das entrevistas e à sua respetiva análise. O culminar da investigação deu-se com a realização da discussão de resultados e apresentação dos mesmos. Com este projeto de intervenção conseguimos concluir que os alunos da ESRP consideram a qualidade dos relacionamentos interpessoais e a cooperação entre todos os intervenientes da comunidade escolar como aspeto determinante na promoção de um clima escolar positivo. Além disso, em relação à educação física, os alunos identificaram a disciplina como promotora de um ambiente escolar positivo e importante para uma maior união entre alunos e docentes.

Relativamente ao seminário, o núcleo da PES optou pela realização de uma atividade prática. Conjugando o facto de a patinagem ser uma das lacunas das escolas e de eu ser praticante de hóquei em patins, decidimos que a realização de uma atividade relacionada com a patinagem seria a solução perfeita. Prontamente, tratámos das autorizações necessárias, contactando a direção da escola. Uma vez que a escola não dispunha do material necessário, contámos com o apoio do Clube Desportivo da Póvoa, que nos facultou os patins. O seminário foi realizado no dia da escola, durante o período da manhã, e foi com agrado que percebemos que tivemos participantes durante toda a atividade. Os alunos que participaram na atividade responderam a

um questionário de satisfação, permitindo-nos perceber a sua opinião sobre o seminário e quais os aspetos que poderíamos ainda melhorar. Os resultados dos questionários levaram-nos a concluir que os alunos usufruíram da atividade e que teriam interesse em experimentar novamente a patinagem.

No desporto escolar, os estudantes estagiários optaram por diferentes modalidades. Da minha parte, desde o início que a minha vontade foi a de colaborar com o desporto escolar de surf/bodyboard. A escola passou a contar com um centro de formação desportiva de surf, sendo que os responsáveis do desporto escolar de surf/bodyboard ficaram encarregados do mesmo. Dessa forma, juntamente com os dois professores de surf/bodyboard, passámos a acumular as duas funções, sendo pioneiros nesse novo projeto da escola.

Com o acumular de funções, a carga horária aumentou, mas o desporto escolar de surf/bodyboard e o centro de formação desportiva tiveram para mim uma importância determinante ao longo da PES. Tive a sorte e o prazer de colaborar com dois profissionais exemplares, dispostos a ajudar em tudo o que fosse necessário, e as constantes trocas de ideias e experiências prepararam-me para ser um melhor profissional, não só na área de surf/bodyboard, mas em relação à educação física em geral. Durante o ano, além das aulas de desporto escolar, recebemos diferentes alunos de diferentes escolas no centro de formação desportiva, possibilitando a muitos uma primeira experiência no surf/bodyboard. É uma modalidade diferente daquelas a que os alunos estão habituados, num ambiente diferente, num contexto diferente, e foi muito satisfatório perceber a motivação dos alunos que tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência.

2.2 – Socialização profissional e institucional

O diálogo entre professores é visto como fundamental na consolidação de saberes emergentes da prática profissional (Nóvoa, 1992). Relativamente à PES, realço duas características pessoais, nomeadamente o facto de me considerar uma pessoa desinibida e simpática, o que facilita as relações com a comunidade escolar. A relação, a comunicação e a troca de experiências com os restantes professores aumentam o conhecimento e ajudam a ultrapassar dificuldades. Tive a oportunidade de partilhar este ano de PES com profissionais muito competentes, que se mostraram disponíveis desde o primeiro momento, esclarecendo dúvidas existentes e dando conselhos para que conseguisse melhorar o meu desempenho.

Pelo contrário, como já havia sido referido na realização do PFIE, o facto de o grupo de educação física dispor de uma sala de professores diferenciada, localizada no pavilhão, fez com que houvesse uma distância entre os restantes grupos da escola. Ainda assim, a possibilidade de frequentar a sala de direção de turma, com o OC, acabou por gerar trocas de informações com diferentes diretores de turma de outras disciplinas, acabando por ser uma mais-valia na troca de impressões com profissionais de outras áreas.

2.3 – Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação

Apreendi ao longo do ano que o papel de professor não termina assim que saímos do espaço de aula. Temos de encarar a profissão cientes da responsabilidade que assumimos, sabendo que somos um exemplo para os alunos. Durante as atividades realizadas acima mencionadas, procurei manter uma relação amigável com todos, mostrando-lhes que um professor pode ter o respeito dos alunos mesmo mantendo uma relação amigável com eles. Esta experiência permitiu-me concluir que a ESRP está inserida num contexto onde os alunos são respeitadores e educados sabendo distinguir o papel do professor.

Nomeadamente no desporto escolar, tratando-se da modalidade de surf/bodyboard, as aulas decorreram na praia, num espaço diferente do habitual. Isso permitiu que a relação com os alunos fosse enriquecida, havendo uma maior oportunidade para trocar experiências, manter uma relação próxima e, acima de tudo, além de ensinar, conseguir aprender com eles e conseguir moldar-me consoante a personalidade de cada um.

Penso ter conseguido deixar marca na escola e, principalmente, nos alunos. Acredito ter tido influência sobre eles, na forma como vêm o professor e a disciplina. Durante o ano de PES convivi com alunos diferentes, não tendo registado nenhum caso de desrespeito, muito pelo contrário, termino este ano de PES com recordações muito positivas de muitos alunos com quem tive o prazer de trabalhar.

3 – Desenvolvimento profissional

3.1 – Dificuldades e necessidades de formação

Os autores Lima, Resende, Cardoso e Castro (2014) defendem que a falta de contacto com alunos reais durante a formação dificulta a realização da PES e avançam ainda a passagem de estudante para professor como outra das dificuldades sentidas pelos estudantes estagiários. O mesmo estudo entrega ao professor cooperante o papel mais importante para a evolução dos estudantes estagiários. Talvez por esta razão, ao longo da PES nem todas as aulas correram como planeado, fui cometendo erros relacionados com questões de segurança, de posicionamento ou de progressões pedagógicas, erros resultantes da falta de experiência ou do nervosismo na nova profissão. O OC e o professor supervisor tiveram um papel fulcral na correção destes erros e na orientação do melhor caminho a percorrer até me tornar um melhor profissional. Desde o início que a revisão dos planos de aula, o aconselhamento sobre os mesmos e as reflexões no final de cada aula por parte do OC foram, para mim, um auxílio na correção dos meus erros e uma mais-valia para a minha formação.

Num estudo realizado por Cunha (2016), os professores cooperantes identificaram a falta de conhecimento do conteúdo como uma das dificuldades dos estudantes estagiários. Tal como a investigadora defende, ao longo da PES senti dificuldades relacionadas com o conhecimento do conteúdo, principalmente sobre as modalidades menos abordadas durante os anos que se antecederam. Questões como progressões, regras ou especificidades dos gestos técnicos foram surgindo ao longo do ano fazendo com que surgisse uma necessidade de procura de informação. Ainda assim, com o passar do tempo tentei ser autónomo, procurando informações através de livros ou de conteúdos disponibilizados *online* que facilitassem a minha evolução. Há uma infinidade de informação disponível na internet, cabe a cada um conseguir distinguir o que tem interesse do que não tem. Além de ferramentas de pesquisa, muitas vezes socorri-me de algumas redes sociais para encontrar exemplos e estratégias que me direcionassem para o meu objetivo, sendo que o importante não foi encontrar esses exemplos, mas sim saber quando e como os utilizar para a evolução dos alunos.

A procura da informação referida anteriormente acaba por camuflar a ameaça que havia identificado aquando da realização do PFIE. Há falta de formações direcionadas para estudantes estagiários, sendo que as universidades poderiam ter uma importância acrescida nesse capítulo. A realização de formações por parte das universidades acabaria por dissolver muitas das dúvidas existentes ao longo da PES, aumentando ainda a ligação entre os diferentes núcleos de PES e facilitando a troca de experiências. Considero, por isso, proveitosa a possibilidade de

existirem formações do género, na medida em que viriam a ser um auxílio ao longo do ano para os estudantes estagiários.

No futuro procurarei tornar-me um profissional mais competente, participando em formações destinadas a professores, trocando ideias com outros profissionais da área, lendo livros e procurando informações através de conteúdos disponibilizados *online*. Um professor está em constante evolução, deve procurar evoluir e nunca estagnar, atribuindo deste modo uma responsabilidade importante à formação contínua que deve ser encarada como fonte de evolução para os professores.

3.2 – Formação contínua: um imperativo da profissão

De acordo com o Decreto-Lei 22/2014, de 11 de fevereiro, a formação contínua de professores visa, entre outras, uma melhoria da qualidade de ensino e uma melhoria da qualidade do desempenho dos professores. De facto, as alterações das escolas e das turmas obrigam os professores a uma constante adaptação. Estes devem procurar evoluir no seu conhecimento, de forma a oferecerem aos alunos uma melhor experiência de ensino. A formação contínua de professores constitui um fator muito importante no contexto da escola e da sociedade atual (Casanova, 2016). A formação contínua deverá ser encarada como uma oportunidade de melhoria por parte dos professores.

Sabendo que, como profissional, ainda possuo bastantes lacunas, com muito por melhorar e muitos conceitos por aperfeiçoar, vejo a formação contínua como uma ajuda no meu crescimento. Participar em formações, observar e discutir ideias com diferentes colegas de profissão e procurar saberes que ainda não possuo farão de mim um profissional mais competente. Esta será a posição que procurarei manter ao longo da minha carreira profissional: procurarei transferir para as aulas o conhecimento que for adquirido, sempre com o intuito de oferecer o melhor aos meus alunos.

IV Reflexões Finais

4.1 – Experiência profissional e pessoal

A PES assumiu-se como o ponto mais importante de todo o meu percurso escolar. Não desvalorizando os restantes anos letivos, foi durante a realização da PES que pude finalmente colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos e vivenciar a profissão tão desejada num contexto real. Em todos os momentos da PES procurei oferecer o melhor de mim, não só durante as aulas em prol da evolução dos meus alunos, mas também em todas as atividades em que fui participando ao longo do ano. Procurei sempre ser uma mais-valia, mostrando-me disponível e auxiliando no que fosse necessário

Este ano teve ainda importância acrescida no que se relaciona com a socialização com os professores e com a comunidade escolar em geral. Foi gratificante pertencer a uma escola com profissionais tão competentes. Tentei conseguir reter o melhor de cada um deles em prol da minha evolução, não só profissional mas também pessoal. Espero ter conseguido deixar marca na escola, em toda a comunidade escolar e, acima de tudo, nos alunos. Encarei sempre os desafios com o bem-estar e a competência que me caracterizam, e é assim que espero que me recordem, que possam ver em mim e no meu desempenho um exemplo a seguir.

Foram vários os momentos ao longo desta caminhada, momentos bons e momentos maus. Ainda que os momentos bons tenham prevalecido sobre os maus, vi neles e nos meus erros uma oportunidade para melhorar, porque entendo que é no ultrapassar das adversidades que conseguimos ter a plena noção das nossas capacidades. O facto de ter conseguido contornar os momentos maus foi muito importante para a minha evolução.

Termino esta etapa com uma enorme satisfação, com muito orgulho pelo meu percurso e, acima de tudo, realizado. São cada vez mais as certezas de que estou na profissão certa, na profissão com a qual mais me identifico e para a qual me sinto vocacionado. Durante o ano de PES cumpri um sonho e durante as aulas senti-me útil para os alunos. Esta foi uma das razões de ter lutado para conseguir chegar até aqui, senti que de alguma forma consegui ter influência sobre eles tal como os meus professores de educação física conseguiram anteriormente ter sobre mim.

4.2 – A componente ético-profissional

A componente ético-profissional assume um papel importante na carreira de um professor, sendo que uma das suas responsabilidades é ser um formador das futuras gerações. Foi,

portanto, com esse sentido de responsabilidade que encarei este ano de PES, durante o qual procurei evoluir e oferecer aos meus alunos o melhor de mim. Deste modo, procurei manter desde sempre uma postura amigável e pedagógica com os alunos, aproximando-me ao máximo do que penso serem as características de um bom professor com o intuito de aumentar a motivação e a dedicação dos alunos ao longo das aulas.

Mantive ainda uma postura idêntica fora do contexto de sala de aula, mostrei-me disponível e tomei muitas vezes a iniciativa durante as atividades, estando preparado para o que fosse necessário. Mostrei vontade de trabalhar e aprender, consciente de que estarei em constante evolução e ciente da importância da formação contínua na carreira dos professores.

De referir ainda a partilha de conhecimento e de experiências, não só com o núcleo de PES, mas também com o OC e os diferentes professores da escola. Aprendemos algo de novo todos os dias e os professores experientes têm muito para ensinar. Foi fundamental aproveitar cada ensinamento ao longo do ano, os quais foram fundamentais para a minha evolução.

4.3 – Realidade do contexto escolar: impacto da PES

Não obstante todas as exigências da PES, acabo este ciclo mais competente, mais confiante nas minhas capacidades e com a perfeita noção de que houve em mim uma evolução positiva. Para isso, foi de enorme importância a presença do OC, do núcleo de PES, do professor supervisor, dos restantes professores e do corpo não docente da escola. Não esquecendo os restantes, atribuo ao OC uma importância especial no que se relaciona com a minha identidade profissional. Ao longo do ano foi possível identificar características que penso serem fundamentais para ser um bom professor. Assim, procurei e procurarei seguir os seus exemplos para me tornar melhor a cada dia.

Iniciei este ano de PES ciente de que encontraria adversidades diferentes das que encontrei ao longo do meu percurso académico. Essas adversidades despertaram em mim uma vontade de melhorar enquanto pessoa e profissional contribuindo para que, neste momento, me sinta ainda mais apaixonado por esta profissão. A PES ajudou-me a perceber de uma forma mais concreta que devo continuar neste caminho, mesmo sabendo que no início da profissão estarei sujeito a muitos desafios.

Foi um ano exigente, em que tive de conciliar a PES com a minha carreira desportiva. Com isto, acabei por evoluir nas duas funções em simultâneo, sendo que pude utilizar os

conhecimentos da minha carreira em prol da PES e vice-versa. Foram muitas horas de trabalho e dedicação, todas elas importantes para o meu crescimento pessoal e profissional. As expectativas iniciais foram superadas, consegui atingir todos os objetivos propostos. Deixo a ESRP com o sentimento de dever cumprido, sabendo que dei o meu melhor em prol da comunidade escolar, especialmente em prol da aprendizagem e da evolução dos meus alunos.

Se tivesse de escolher uma palavra para descrever este trajeto, essa palavra seria orgulho. Orgulho por todo o caminho que percorri e por ter conseguido chegar até aqui. É o cumprir de um sonho de criança, desde muito novo que sonhava ser professor de educação física. Acabo este ano de PES inteiramente realizado, consciente de toda a evolução e conhecimentos que acumulei ao longo do ano letivo.

Referências

- Albuquerque, A., Aranha, A., Gonçalves, F., Pinheiro, C., e Resende, R. (2012). The formative experiences appreciation by cooperating teachers and their use during the supervised practice teaching in physical education. *Academic Journals*, 7(2), 27-30
- Albuquerque, A., Silva, E., Resende, R., Gonçalves, F., e Gomes, R. (2015). Pedagogical supervision in physical education - The perspective of student interns. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 20(1). 11-26
- Atienza, R., Valencia-Peris, A., Martos, D., Pastor, V., e Devís, J. (2016). Physical education students' perception on formative evaluation: Advantages, difficulties and satisfaction. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 22(4). 1033-1048
- Caires, S. M. (2001). Vivências e percepções do estágio no ensino superior. *Análise Psicológica*, 24(1), 87-98.
- Casanova, M. P. (2016). Formação Contínua de Professores ao Serviço do Desenvolvimento Profissional Docente. *Revista do CFAECA*, 9–18.
- Costa Filho, R., e Iaochite, R. (2015). Experiências de ensino no estágio supervisionado e autoeficácia para ensinar Educação Física na escola. *Revista da Educação Física / UEM*, 26(2), 201-211
- Cunha, M. (2016). *A (re)construção da identidade profissional em contexto de estágio no ensino de Educação Física: Uma análise situacional de discursos e narrativas*. Porto: M. Amaral da Cunha. (Dissertação de Doutorado em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto).
- Cunha, M. I. d., e Zanchet, B. (2010). A problemática dos professores iniciantes: tendência e prática investigativa no espaço universitário. *Educação*, 33(3). 189-197
- Drost, D., e Todorovich, J. (2017). Perceived Competence and Skill Development in Physical Education: The Effect of Teacher Feedback. *David Publishing Company*, 291-304
- Ferreira, D. (2005). *Construção de instrumentos de observação de práticas educativas : avaliação diagnóstica : construção de um instrumento comum a andebol e a basquetebol*. (Dissertação de licenciatura).
- Gonçalves, D., e Silva, C. (2017). Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada na formação inicial de professores *Atas do XIV Symposium Internacional sobre el practicum y las prácticas externas "Recursos para um Prácticum de Calidad"*, (p. 779-787) Pontevedra: Andavira Editora.

- Gonçalves, F., Albuquerque, A., e Aranha, Á. (2010). Avaliação: um caminho para o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem. *Maia: Edições ISMAI-Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia*, 19-64.
- Gonçalves, F., Fernandes, M., Gaspar, A., Oliveira, R., e Gouveia, É. (2014). A avaliação diagnóstica em educação física: uma abordagem prática a nível macro. In H. Lopes, É. R. Gouveia, R. Alves, & A. L. Correia (Eds.), *Problemáticas da educação física I*, 89-95. Funchal: Universidade da Madeira.
- Haigh, A. (2010). *A Arte de Ensinar: Grandes Ideias, Regras Simples*. (M. A. Campos, Trad.) Academia do livro (Obra original publicada em 2008)
- Hattie, J., e Timperley, H. (2007). The power of feedback. *Review of Educational Research*, 77(1), 81-112. doi:10.3102/003465430298487
- Januário, C., Anacleto, F., e Henrique, J. (2015). Formação de professores de educação física: rotinas de planeamento e de ensino. In R. Resende, A. Albuquerque, & R. Gomes (Eds.), *Formação e saberes em desporto, educação física e lazer*, 399-420. Azinhaga dos Ulmeiros: Visão e Contextos, Edições e Representações, lda.
- Lima, R., e Albuquerque, A. (2018). Cognitive processes for the choice of formative and summative evaluation in the regulation of teaching, *Revista Sul Americana De Psicologia*, 6(1), 68-83
- Lima, R., Benites, L., Resende, R., e Cardoso, S. M. (2018). Reflexões dos futuros professores de educação física sobre o seu processo de formação académica. *Kinesis*, 36(1). doi:10.5902/2316546429483
- Lima, R., Resende, R., Cardoso, S. M., e Castro, J. (2014). A prática de ensino supervisionada: as dificuldades dos estudantes estagiários. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1, 68-74.
- Manrique, A. H. (2009). Dos formas diferenciadas de evaluación didáctica:: Evaluación normativa para seleccionar a los alumnos y evaluación criterial para el dominio del conocimiento básico. *Bordón. Revista de pedagogía*, 61(4), 39-48.
- Mendes, R., Clemente, F., Rocha, R., e Damásio, A. (2012). Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física, *Exedra – Revista Científica*, 6, 57-69.
- Morgan, K. (2017). Reconceptualizing Motivational Climate in Physical Education and Sport Coaching: An Interdisciplinary Perspective. *Quest*, 69(1), 95-112. doi:10.1080/00336297.2016.1152984

- Newton, A., e Bowler, M. (2015). Assessment for and of learning in PE. In S. Capel & M. Whitehead (Eds.), *Learning to teach physical education in the secondary school* (4) 140–155. London, UK: Routledge.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In Nóvoa, A., *Os professores e a sua formação*, 13-33. Lisboa: Publicações Don Quixote
- Pereira, J., Mesquita, I., Araújo, R., e Rolim, R. (2013). Estudo comparativo entre o Modelo de Educação Desportiva e o Modelo de Instrução Direta no ensino de habilidades técnico-motoras do Atletismo nas aulas de Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(2).
- Resende, R., e Lima, R. (2016). Relação professor de educação física e alunos: Teoria, investigação e intervenção. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, A. A. Machado, A. R. Gomes, G. Couto, & V. Cassep-Borges (Eds.), *Relações interpessoais: Conceções e contextos de intervenção e avaliação*, 133-153. São Paulo: Vetor Editora.
- Resende, R., Silva, E., Albuquerque, A., Lima, R., e Castro, J. (2014). Identidade profissional docente: Influência do conhecimento profissional. In P. Queirós, P. Batista, & Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação da prática profissional*, 145-164. Porto: Editora FADEUP.
- Roldão, M. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências - As Questões dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Siedentop, D. (1994). *Sport Education: Quality PE Through Positive Sport Experiences*. Human Kinetics.
- Simões, J., Fernando, C., e Lopes, H. (2014). Avaliar em educação física - a necessidade de um quadro conceptual. In H. Lopes, É. R. Gouveia, R. Alves, & A. L. Correia (Eds.), *Problemáticas de Educação Física I*, 17-23. Funchal: Universidade da Madeira.
- Taylor, D. L., e Tashakkori, A. (1995). Decision participation and school climate as predictors of job satisfaction and teachers' sense of efficacy. *The Journal of experimental education*, 63(3), 217-230.
- Thomaz Melo, F. (2018). As estratégias utilizadas no processo de ensino aprendizagem: concepções de alunos e professores de Educação Física. *Revista Internacional de Educação Superior*, 4(2), 438-455. doi:10.20396/riesup.v4i2.8651371
- Yuste, J. L., García-Jiménez, J. V., e García-Pellicer, J. J. (2013). Intensidad de las clases de Educación Física: Deportes de equipo vs. deportes individuales. *CCD. Cultura_Ciencia_Deporte*. 文化-科技-体育, 183-190. doi:10.12800/ccd.v8i24.356

Outros Documentos Consultados

Decreto-Lei n.º 22/2014, de 11 de fevereiro

Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março

Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio

Programa Nacional de Educação Física do Segundo Ciclo

Programa Nacional de Educação Física do Ensino Secundário